

Aula com atendimento de primeira

Mulheres com gravidez de alto risco são pacientes do Hospital Universitário e servem como estudo para jovens médicos

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

Todas as semanas, os estudantes de medicina da Universidade de Brasília defendem verdadeiras teses no auditório do hospital universitário. Colegas e professores ouvem atentamente casos de mulheres que chegam com complicações em gravidez de alto risco. Os alunos estudam durante nove anos — seis do curso de graduação e mais três para especialização no Centro de Medicina Materno Fetal. E a população ganha atendimento de primeira qualidade.

V.A.S.S, 23 anos, tirou dois litros do líquido amniótico da bolsa em que carrega duas meninas há cinco meses. “Estou ótima”, diz com um sorriso, sem preocupar-se com a agulhinha fincada em sua barriga. A jovem — cujo nome o hospital exige que seja omitido — fica cercada por três pessoas. Dois professores e um residente, ou melhor, um estudante de pós-graduação em medicina que mora no hospital. Todo o procedimento é acompanhado na tela do ecógrafo, que informa a quantidade do líquido que deve ser retirado. “É que uma das bolsas está com muito líquido, comprimindo um dos bebês”, explica o médico Alberto Zaconeta.

V.A.S.S está tranquila. E Marcelo Cronemberger, atento a todos os detalhes do que acontece. Ele é o residente. Há três anos está especializando-se em medicina materno fetal. Passando pelo setor de grávidas de alto risco. “A residência é fundamental para minha formação”, diz. Marcelo participa dos atendimentos médicos durante pelo menos 60 horas semanais. Durante o tempo livre fica de plantão, para chamados extraordinários.

O caso da mamãe das meninas gêmeas poderá ser um dos que Marcelo Cronemberger vai levar para discutir com os colegas no auditório do hospital. Todas as quartas-feiras pela manhã eles aprofundam metodicamente cada um dos problemas difíceis que aparecem no setor. É por isto que as mulheres gostam do atendimento do hospital.

“Acho que fui muito bem amparada na gravidez”, diz Kátia Lopes, 25 anos. Ela também é um caso de gravidez múltipla. Teve duas meninas. “Natália tem o rostinho mais cheinho que Emília, mas para saber quem é uma e outra, tenho que colocar as duas juntas. Conheço melhor porque Natália está com o nariz arranhado”, explica a mãe ainda confusa com a semelhança das filhas.

Kátia está no setor de risco, apesar de ter tido uma gravidez tranquilíssima. Assistida pelos médicos do HUB desde que sua menstruação parou. “Toda a gravidez de gêmeos para nós é de risco”, explica o chefe do Centro de Medicina Materno Fetal, professor Anivaldo Cantuária.

Sônia Beltrão é um exemplo da preparação profissional dos médicos que passam pelo hospital universitário. Há nove anos estuda medicina na Universidade de Brasília. Fez residência, está no início do curso de mestrado e é professora no HUB. “Os residentes chegam com conhecimentos básicos em todas as áreas e aqui preparam-se para assumir os casos complicados do dia-a-dia”, diz ela.

A professora explica que o hospital atende todos os dias 20 mulheres em consultas ambulatoriais normais e 15 em gravidez com alto risco. Assim que chegam ao HUB, são encaminhadas para exames e chegam à primeira consulta com tudo pronto, inclusive a ultra-sonografia. “Feita no primeiro semestre, a ultra-sonografia informa a idade da gravidez com uma margem de erro de três a quatro dias”, afirma Sônia Beltrão.

O professor Cantuária comenta que as doenças mais frequentes que aparecem no setor de alto risco são hipertensão, doenças cardíacas, pulmonares, hepáticas, diabetes, gravidez múltipla, infecções e até anemias. “Para chegar a saber em que setor as mulheres serão atendidas, antes da primeira consulta elas passam por pelo menos oito exames”, enfatiza.

Sônia Beltrão comenta que nem todas as mulheres que procuram o hospital conseguem ser atendidas. Com recursos financeiros limitados, o HUB também limita o atendimento.

Lídia Maria Peçanha, 22 anos, está começando a trilhar o caminho da medicina. Já cumpriu boa parte. Estudou em sala de aula os seis anos de teoria e agora é o que os profissionais chamam de “interna” do hospital — ou seja, estudante ainda não formada, em fase de estágio. “Outros hospitais encaminham pacientes para o HUB e por isto aqui aparecem casos patológicos muito diversificados. Isto nos beneficia como estudantes, pois temos oportunidade de ver casos raros e de doenças raras. Com esta experiência, posso me formar com segurança”, afirma Lídia.

A estudante enfatiza que a maioria dos professores acompanha pesquisas de alunos. Lídia já apresentou trabalhos em um congresso brasileiro de medicina. Ela diz que quase todos os alunos têm este tipo de oportunidade. “É mais um incentivo que temos na universidade”, comenta.

Fotos: Acácio Pinheiro



Equipe do Hospital Universitário, chefiada pelo professor Anivaldo Cantuária, retira o líquido amniótico de uma paciente que espera duas meninas

Faltam equipamentos e mais dinheiro

O Hospital Universitário de Brasília tem equipamentos de primeira qualidade para atendimento de pacientes e para a formação de profissionais. Seus centros de especialização médica são dirigidos pelos chefes de departamentos de ensino da UnB. Mas a instituição, que é referência na área de saúde no Distrito Federal, passa por dificuldades financeiras.

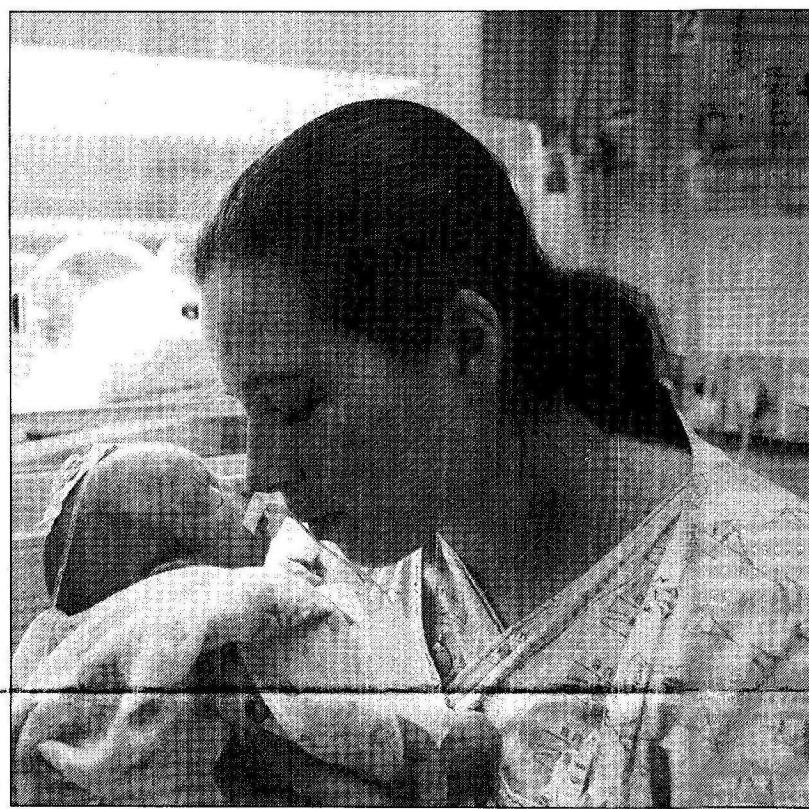
Segundo o diretor do HUB, Elias Tavares de Araújo, o hospital mantém a cada semestre 740 alunos de graduação dos departamentos de medicina, odontologia, enfermagem, nutrição, farmácia, psicologia, administração de empresas, arquitetura hospitalar e serviço social. A cada seis meses, também passam por lá 230 estudantes de pós-graduação e especialização.

Para formar todos estes profissionais, o hospital universitário tem 40 especialidades médicas. Oferece mensalmente 1.100 internações, 27 mil consultas, 36 mil exames complementares e faz outros 64 mil procedimentos diversos. Durante todo o ano, realiza cerca de 50 pesquisas simultâneas, desde estudos clínicos até cirúrgicos. O HUB tem 40 especialidades médicas, da genicologia à oncologia e neurocirurgia.

O hospital universitário tem equipamentos para tratamento e diagnóstico de casos complicados em gravidez de alto risco. Aparelhos como ecógrafo e cardiopógrafa para informações sobre a saúde do bebê e das mães e que custam entre R\$ 100 mil e R\$ 150 mil, cada.

A residência médica obrigatória é no mínimo dois anos, mas no setor de alto risco da maternidade os estudos vão um ano além, oferecendo sub-especializações para os estudantes de pós-graduação no atendimento específico de problemas complicados.

Desde a última segunda-feira, o



Pacientes com gravidez de alto risco recebem tratamento completo no HUB

Centro de Medicina Materno Fetal está oferecendo um curso de ultra-sonografia para estudantes de pós-graduação do HUB e do Hospital das Forças Armadas. Vai durar um mês. As aulas são dadas por sete médicos. Esta é uma das novidades do centro, que pretende investir em novos cursos de saúde.

Os investimentos, porém, estão difíceis. As dívidas do HUB chegam a 1,5 milhão, de contas de água e energia elétrica. “O teto de repasse de verbas do SUS é 1,1 milhão por mês. Apesar do pagamento baixo de consultas e internações, se fossem todas pagas, não teríamos dívidas. Em outubro, R\$ 250 mil de procedimentos executados deixaram de ser pagos”, diz Elias Tavares de Araújo.

Ele afirma que o hospital também necessita de novos equipamentos. Segundo o diretor, o Ministério da Educação deverá adquirir para HUB um mamógrafo — “o que temos está ultrapassado”, atesta o professor Cantuária — e um novo ecógrafo, para ampliar a oferta de atendimento à população.

O Ministério da Educação paga os salários de 460 funcionários do hospital, o Ministério da Saúde assume outros 600 e o próprio HUB paga 690. A arrecada do Sistema Único de Saúde (SUS) R\$ 2,00 por cada consulta oferecida à população e R\$ 500,00 por cada internação completa — com remédios, exames ou cirurgias, independente do prazo de permanência do paciente.

A arte de desconstrair

Diariamente, às 7h15, professores e estudantes do Hospital Universitário de Brasília reúnem-se para discutir os problemas que vão enfrentar durante o dia. Apesar da seriedade do trabalho, as reuniões não são sizadas.

Num destes encontros, o tema era “como dar notícia ruim para o paciente”. O chefe do Centro de Medicina Materno Fetal, professor Cantuária, contou que um casal apareceu em seu consultório particular para tratar de esterilidade. O marido avisou logo: Se o problema fosse dele, se suicidaria. Os exames chegaram, e... espermatozoide zero!

Cantuária tomou a decisão. “Liguei para um psicólogo que tem consultório em frente ao meu. Mandei o paciente aqui, me disse. Pouco depois ele saiu do consultório sorrindo. Eu quis saber o que ele tinha dito: “Eu disse que ele não tinha p... nenhuma”, exclamou o psicólogo.

A professora Sônia Beltrão diz que as piadinhas também são especialidades do médico fundador do Centro de Medicina Materno Fetal. Além de PhD com cursos nos Estados Unidos e Inglaterra e dos 30 anos que completará em dezembro como professor da Universidade de Brasília, Cantuária é conhecido por seu bom humor. “Eu faço piada para desinibir os estudantes. Eles ficam com medo de mim, com tantos anos de experiência”, justifica.

Três décadas dando aulas na universidade, desde a primeira turma de formandos da UnB, não fazem a aposentadoria estar mais perto. Cantuária diz que trabalhar somente no consultório seria muito monótono. “Nunca trabalhei em outro hospital que não fosse universitário. Não consigo ficar longe dos alunos”, alega o professor de quase metade dos médicos de Brasília.